

Salve a Seleção.

150 ANOS DO CULT “A ORIGEM DAS ESPÉCIES”

BETO VIANNA
NIGÉRIA

Aniversários redondos são um fetiche humano antigo, em especial nos últimos 500 anos, quando a nossa redonda Terra ficou mais ocidental. Podemos até celebrar, mas não nos entusiasmos muito com os 51 anos da Copa da Suécia ou os 39 anos da conquista do Tri, ambos, se alguém se lembra, comemorados este ano. Por outro lado, já festejamos aqui no Cometa, com grande pompa, os 90 anos da Revolução Russa e os 100 anos de Drummond. Em 2009, festejam-se 20 anos da queda de um muro. Tem gosto pra tudo.

Uma explicação para o nosso amor às redondezas decimais é a herança genealógica. Em vez de evoluirmos nossas extremidades em cascos, asas, barbatanas e outros apêndices especializados, nós, primatas, conservamos a velha pata de cinco dedos de nossos longínquos ancestrais. Quando o humano se meteu a contabilizar as coisas do mundo, serviu-se dessa confiável calculadora natural: duas mãos, perfazendo o redondo total de 10 unidades digitais (pra ser justo, os pés são igualmente adequados, e muitas sociedades preferiram o 20, como fazem até hoje os franceses). Outro venerável xodó humano é a ciência. Não apenas essa bem financiada instituição moderna, mas o gosto por explicar os fenômenos que chamam a nossa atenção. Assim, antes de podermos dizer que o sistema decimal foi um acidente evolutivo, foi preciso a própria evolução se tornar um fenômeno relevante, e, portanto, também carente de explicação.

Charles Darwin virou personagem cult por quase tudo que foi dito nos parágrafos anteriores. Primeiro, propôs uma elegante explicação para a evolução - a seleção natural -, que me arrisco a resumir assim: a) os seres vivos têm descendentes; b) a descendência é variável; c) sobrevivem, em média, as variantes “mais aptas” em um dado ambiente; d) a sucessão de variações preservadas resulta em uma descendência modificada, mais “bem adaptada” àquele ambiente. Mude as condições de existência, e os seres também irão mudar, ou evoluir. Teoria à parte, o efeito mais importante e duradouro da obra de Darwin foi tornar a evolução um consenso no meio científico e em outras culturas humanas. Mas o grande golpe de mestre Darwin foi um acidente histórico: ele publicou *A origem das espécies* 50 anos depois de nascer, resultando, a cada cinco dezenas de anos, na dupla

comemoração redonda do nascimento e da maior obra do autor. Um delírio para uma comunidade científica quase consensualmente darwinista. Quase.

Aniversários e controvérsias - Steve Gould gostava de dizer, e eu de repetir, que cada celebração do *Origem* (e de Darwin), marcou uma recepção diferente à teoria da seleção natural. Quando Darwin ainda soprava vivo as suas velinhas, a evolução sofria resistências por seu gosto herege: espécies surgindo umas das outras, e não da prancheta do Criador. A defesa bem articulada da seleção no *Origem*, ainda que debaixo de críticas, contribuiu para melhorar a imagem da evolução. No primeiro centenário de Darwin (1909, 50 anos do *Origem*), a comunidade científica já não se opunha à evolução, mas o mecanismo darwiniano não era nenhum consenso. Além dos partidários de Lamarck (evolucionista francês que precedeu Darwin) e da “ortogênese” (a conformação própria dos organismos direcionando a evolução), surgira uma alternativa de peso, a nova ciência da genética. Após a redescoberta das leis de Mendel, passou-se a ver nos genes fontes mais “científicas” de explicação, com seus processos de recombinação e mutação, mais afeitos à experimentação em laboratório. As evidências da seleção natural tinham de ser pescadas na própria natureza e mediadas por hipóteses especulativas demais para os geneticistas de guarda-pó. Os evolucionistas reconheciam, unânimes, a importância seminal de Darwin, e celebraram sua obra, mas nem todos engoliam a seleção natural.

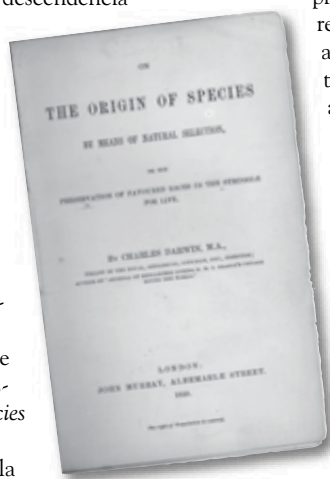
O primeiro centenário do *Origem* (1959, 150 anos de Darwin) marcou a virada de mesa. Virtualmente todo cientista da natureza - do mais abstrato construtor de sistemas ao mais pragmático experimentador de cobaias - já rezava pela cartilha darwinista, agora neodarwinista. A genética de populações e a reinterpretação das seqüências fósseis e das relações ecológicas sob o prisma da adaptação deram à seleção natural toda fatia de poder explicativo. Um artigo de 1961 resume o ambiente da época: “100 anos sem Darwin são o bastante”, decretou G. G. Simpson. Mais darwinistas que Darwin, os biólogos passaram a traduzir evolução como “mudança na frequência de genes em uma população”, e, seu mecanismo, a reprodução diferencial com adaptação progressiva dos organismos ao meio.

No bicentenário de Darwin (2009, 150 anos do *Origem*), amadurecem os questionamentos ao pensamento único da



seleção natural, embora, contabilizados os trabalhos publicados e o destino das verbas de pesquisa, os neodarwinistas ainda sigam na dianteira. Mas é preciso tirar a poeira do “anti-darwinismo”, pois há uma distância muito grande entre as legítimas contestações científicas ao programa adaptacionista e duas distorções, politicamente motivadas, do fenômeno evolutivo: a guerra entre ciência e religião e a confusão entre evolução e progresso.

O divino e o darwiniano - A Inglaterra dezoenovesca, além de potência imperialista, era um ninho de conservadores naturais. Mais que os europeus do continente, os ingleses ainda se deliciavam com a “teologia natural”, o estudo da natureza em conformidade com as Escrituras. Eram, como os EUA de hoje, tecnologicamente avançados e filosoficamente obscurantistas, uma fórmula bem a calhar na hora de explorar outros povos com mais eficácia e menos peso na consciência. Darwin foi astuto o suficiente, e bem cercado de amigos influentes, para balançar os corações cristãos e, d.D (depois de Darwin), a maio-





ria dos cientistas continuava tão devota quanto antes, mas já não se importava em conceder à evolução o papel que antes cabia ao divino.

Hoje assistimos a uma estranha queda-de-braço entre Darwin e Deus, estranha por subverter conceituações atuais bastante corriqueiras. Ciência é a proposição de mecanismos explicativos (como a seleção natural) para fenômenos aceitos pelos cientistas (como a evolução) que, validados, geram o tal fenômeno. A religião também oferece explicações, mas elas não passam pelos processos de validação típicos da ciência. Os antigos teólogos naturais faziam, de fato, ciência, pois o recurso aos textos religiosos na investigação da natureza era aceito pela comunidade científica. Hoje não é. O atual “criacionismo científico” e seu filhote disfarçado, o “design inteligente”, não apresentam mecanismo algum que dê conta do misterioso surgimento dos seres. Não há, nessas obtusidades políticas (e, não, religiosas) como validar a teoria de que “Alguém criou as espécies”. Mesmo se for verdade, e daí? É como explicar a origem da vida dizendo

que ela veio do espaço. Pode até ter vindo, mas isso nunca foi uma explicação, nem aqui nem na Lua.

Pelo mesmo motivo, desconfio de cientistas que implicam o darwinismo em um ateísmo professado. Se evolução implica algo, é que humanos, baratas e repolhos têm uma genealogia comum, e qualquer mecanismo proposto (darwiniano ou não) deve mostrar como isso acontece. Um empreendimento excitante, é verdade, mas totalmente circunscrito ao domínio da ciência. Eu crer, descrever ou ser “agnóstico” não muda uma vírgula das condições próprias à atividade científica, e vou continuar precisando propor mecanismos válidos, mesmo orando ferozmente aos domingos. O incômodo ou o alívio - ambos manipulados por certas lideranças políticas - proporcionados pela evolução não têm a ver com o divino, mas com a esperança de que nós, humanos, sejamos criaturas especiais, e, portanto, mais “evoluídas” do que - digamos - os macacos.

O macaco e o progresso - Uma carinhosa alcunha que os argentinos dão aos brasileiros é “macaquitos”. Há um baita racismo aí, mas isso só acontece porque nós e eles interpretamos assim a referência. É no que deu 300 anos de colonização. Acostumamos a ver na senzala os menos, e na Casa-Grande os mais, afortunados pela determinação biológica. No Brasil, até hoje os brancos e branqueados pela ascensão social (ou por nossa irremediável orgia inter-étnica) são mais valorizados, mais bonitos e mais cultos que os atrasados índios, negros, pobres e outros empregados de nossa cultura. Na Argentina, terra de povos transplantados, na sagaz tipologia de Darcy Ribeiro, a valorização diferencial chegou ao extremo da substituição pura e simples de sua população crioula - ladinos e gaúchos, ou “cabecitas negras” - por uma massa de imigrantes europeus. Ficamos nós com os nossos macaquitos.

Pense então no enganoso paralelo entre evolução, progresso e humanidade. O século 20 viveu duas excrescências de um suposto legado de Darwin: a eugenia - o melhoramento intencional da espécie humana - e o pessimamente denominado darwinismo social. Dois desenvolvimentos típicos do pensamento colonialista e racista da Europa e dos EUA, que deixaram raízes profundas no resto do mundo. Como nos alertava o filósofo Álvaro Vieira Pinto, a ciência, feita nos países ricos e para eles, é vergonhosamente copiada pelos demais. Numa disposição mais humanista, podemos dizer que, se a evolução orgânica é “competição pelo sucesso”, não devíamos copiar esse modelo da natureza em nossas relações humanas, mas cultivar a compreensão mútua e a generosidade, certo? Mas quem disse que a competição e o sucesso são a alma do negócio natural? Quem disse que nós,

humanos, emergimos vitoriosamente de um obtuso passado simiesco? Em que sentido evolução é a vitória de seres mais fortes e mais inteligentes sobre os estúpidos, os feios e - perdoe-me o antropomorfismo - os pobres? 200 espécies de primatas (os verdadeiros macaquitos) continuam se balançando pelos trópicos da redonda Terra, e continuarão assim por um bom tempo, caso nossa proverbial sapiência humana não resolva acabar de vez com as florestas. E milhões de espécies de bactérias sem cérebro (um caso ainda mais instrutivo) povoam o planeta há bilhões de anos, e vão continuar povoando, quer o humano acabe com as florestas, consigo mesmo, ou não.

Um contemporâneo e franco admirador de Darwin, Karl Marx, notou que ele “enxerga, na natureza, a divisão de trabalho de sua sociedade inglesa”. De fato, Darwin tomou emprestadas, de sua época e lugar, as metáforas que articulam a seleção natural: a luta pela existência, a economia da natureza... Mas o velho naturalista sempre deixou claro que se tratavam de metáforas, e imperfeitas. Sua culpa, se é possível colocar assim a questão, resume-se nisso. Darwin desenhou a sua teoria como um efeito de relações circunstanciais num mundo em constante mudança, e os cientistas têm entendido esse recado com variados graus de competência. Não só os seres mudam, mudam também as próprias relações, e elas se tornarem melhores ou não - aqui falo explicitamente do humano - é sempre uma questão de escolha. É essa lição de humildade e responsabilidade radicais que ainda não conseguimos, 150 anos depois, digerir na metáfora darwiniana da seleção natural.

